



AVE □ associação vimaranense para a ECOLOGIA

DESTAQUES



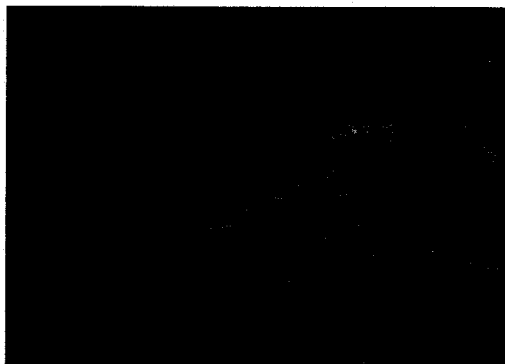
Artigo de Francisco José Viegas,
**"O país que amava os
 COMBOIOS"**

P. 2

Manuel Miranda Fernandes

**A MORTE DO ÚLTIMO
 CARVALHAL DA PENHA?**

P. 5



EDITORIAL

artigo de Francisco José Viegas (ver pag. 2) publicado na Grande Reportagem e que aqui reproduzimos, brilhante síntese do desnorte nacional, cuja palavra planeamento parece ser sinónimo para políticos e gestores, de algo associado ao paranormal ou ciência oculta, é para nós um estímulo para uma breve consideração sobre a ferrovia e seus mais recentes desenvolvimentos em Guimarães.

Um orçamento de 18 milhões de contos, a passagem a via larga, sua electrificação, novas composições e pasme-se, a passagem meteórica da velocidade média de 40 km hora para 90 km hora, coloca-nos no primeiro dos mundos? Certamente que não.

A mudança era inevitável, tendo por contraponto o encerramento da linha, cujo desinvestimento crescente nos colocava na raia do fontismo.

A linha de Guimarães, ex-via de comunicação privilegiada na ligação ao interior minhoto (Fafe e tudo o resto), zona de grande concentração humana e de dinâmica actividade económica, devia ser naturalmente, um veículo de excelência no transporte de pessoas e mercadorias, a baixo custo, rápido e fluido e, sem custos ambientais. É sabido que o comboio é o mais seguro, rápido, menos poluente e barato dos transportes terrestres, cujos impactos negativos nos domínios ambiental e social nas comunidades está, sem contestação, a anos-luz da rodovia e seus impactos vários.

Assim, quando hoje se fala da reestruturação da linha de Guimarães, não devemos esquecer tudo o que perdemos nestes anos de desinvestimento, cujo valor utilitário e simbólico do comboio para a região, não passa de uma recordação, de uma população que privilegia a rodovia, com a agravante do primado do transporte privado e individualizado.

Ligar Guimarães ao Porto em uma hora, com um ganho efectivo de trinta e cinco minutos face ao passado, parece-nos pouco, tendo por horizonte o condicionamento entre o transporte de mercadorias e/ou pessoas e respectivos horários.

A estratégia parece-nos clara e errada, a suburbanização da linha de Guimarães, gerida não pela Unidade de Viagens Interurbanas e Regionais,

mas pela Unidade de Suburbanos do Grande Porto. O que isto significa, no nosso quotidiano? Que um cidadão vimaranense está impossibilitado de comprar ou reservar bilhete num Intercidades ou Alfa, na estação de Guimarães, vocacionada para a venda de bilhetes suburbanos.

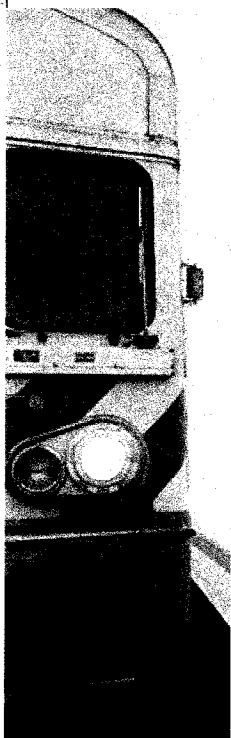
Para a AVE alguns custos são mais que prováveis?

- A suburbanização contraria a correcta vocação inicial, de ligação interregional do Litoral com o Minho Interior, elemento de coesão e complementaridade entre o rural e urbano.
- Suburbanizar, é sinónimo de não retomar a ligação a Fafe e porque não à região de Basto, assumindo com clareza que o investimento tem por base apenas critérios de centralismo económico nos eixos Braga/Porto, renegando a região para um depositário de gentes que aqui dormem e ali trabalham e consomem.
- Relegar para a gaveta a vocação interregional da linha de Guimarães, em detrimento de ideias faraónicas como a ligação ferroviária a Braga, significa aceitarmos um crescente processo de suburbanização, face aos eixos Porto/Braga.
- A irremediável perda de centralidade como pólo de atracção sub-regional, da cidade de Guimarães, mero ponto de passagem entre o desvitalizado interior rural e o litoral massificado.

A fechar, diríamos que a discussão da ferrovia e sua importância na região, não se deve resumir à dicotomia via única / via dupla, apesar de importante, mas a uma questão mais ampla, do lugar da ferrovia como factor de desenvolvimento e coesão nacional, entré um interior que se quer com vitalidade demográfica e económica e um litoral massificado e metropolitano, este último verdadeiro sorvedouro infundável de recursos.

o país que amava os

comboios



O País inteiro quer um TGV ao pé da porta. O Algarve confessa-se indignado e já mandou dizer que protesta. Aveiro quer estar ligado a Salamanca por TGV e a Assembleia Municipal elaborou um protesto que defende a criação de "corredores multimodais de transportes e mercadorias" entre Aveiro e a Europa. Évora e Beja equacionam reivindicações semelhantes, enquanto Coimbra, que não podia faltar a este concerto de vozes, pede uma linha que a una ao mundo. Tudo isto num país que não anda de comboio, que vive nas rodovias e sucumbe aos lobbies das indústrias do asfalto e da camionagem. O consulado de Ferreira do Amaral no governo de Cavaco Silva teve esse mérito estranho: acabou com o debate sobre a ferrovia nacional e as linhas de alta velocidade, investiu fortemente nas auto-estradas acabadas à pressa e nos IP de construção deficiente, para alegria da indústria rodoviária, das seguradoras e do comércio automóvel. Portugal, um país cujo desenho seguia, através dos rios e vales, uma ferrovia razoável, deixou morrer milhares de quilómetros de linhas ao longo dos últimos trinta anos. Numa altura em que a Europa apostava seriamente na solução ferroviária para o

transporte de pessoas e mercadorias, Portugal enterrava definitivamente as suas linhas regionais e deixava degradar a sua outrora principal via de comunicação entre as duas maiores cidades portuguesas, o comboio. Tudo isto no meio de improvisações, mau serviço, de humilhação dos utentes e contribuintes.

Graças ao ministro João Cravinho, que relançou o debate sobre a ferrovia nacional e o transporte a "grande velocidade", Portugal deu-se conta que estava definitivamente atrasado neste domínio. De que a "fronteira ferroviária com a Europa" já não é Irún ou Hendaye, nos tempos do Sud Express, mas sim Vilar Formoso.

Uma Rave (Rede Ferroviária de Alta Velocidade), que ficou de elaborar um estudo sobre a matéria, passou por cima do desenho anterior que proponha a célebre tese do "T" (Lisboa/Porto-Madrid) e avançou generosamente para uma proposta que deve andar, mais ou menos, pelos 1,6 milhões de contos, uma ninharia para as contas da modernidade. O TGV subitamente, despertou também por este motivo: pelos seus custos, que a oposição qualifica de atrevidos, e pelo seu traçado, que os interesses regionais querem esticar até onde puderem. Mas uma coisa nos inquieta: como vais este país construir uma linha ferroviária decente se se distinguuiu com brilho, galhardia e pundonor no ataque à linha do Norte, por exemplo, cujos trabalhos de renovação ainda não foi capaz de concluir, apesar dos seus custos terem aumentado inacreditavelmente? Eis uma coisa que nos deixa perplexos.

Francisco José Viegas, in Grande Reportagem, pp.42, 2001

3^{as} JORNADAS SOBRE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

8 e 9 de Março de 2002 - Guimarães - Cine-teatro S. Mamede

A modernidade Ocidental opôs a natureza à cidade, esse universo artificial, no qual não subsistem senão elementos "naturais" cultivados e inteiramente governados pelo homem. Este divórcio entre o humano e o "vivo" resulta do poder das tecnologias impostas pelo homem, por vezes contra ele e sempre contra a natureza. É portanto imperioso repensar as relações complexas entre a natureza e a cultura, tecnologia e sociedade, urbanismo e desenvolvimento e consequentemente, apreender as dimensões éticas e estéticas da "arte de construir". Os espaços verdes, os jardins privados, os corredores verdes, as cidades-jardim, as diversas regulamentações ecológicas, são um sinal de uma feliz tomada de consciência, ou o "esconde-misérias" de um hiper-liberalismo que despreza os frágeis equilíbrios do ecossistema e o desejo dos cidadãos de uma "natureza urbana"?

Adaptado de Chris Younés

FAPAS



Produtos Biológicos:

São os mais saudáveis? O que torna diferente um alimento biológico? São melhores para as crianças?

Vale a pena pagar mais por eles?

Se tem algumas destas dúvidas, encontrará aqui a informação que o ajudará a decidir-se.

produtos

BIOLÓGICOS



crise das vacas loucas,

a crescente contaminação das águas, dos solos e do ar e o uso abusivo de fertilizantes e pesticidas químicos despertaram, nos últimos anos, o interesse pelos alimentos cultivados no respeito pelo meio ambiente e pelo próprio alimento.

Em Portugal, a produção e o consumo de alimentos biológicos continuam a ser diminutos, embora a preferência por estes produtos esteja a aumentar, de dia para dia. Como a maioria é importada de outros países, o preço elevado e a dificuldade para os encontrar constituem os principais inconvenientes.

O QUE É UM PRODUTO BIOLÓGICO?

Um alimento biológico – ou ecológico, como também pode ser designado – não contém aditivos nem resíduos de pesticidas químicos, amadureceu de forma natural, não foi manipulado geneticamente e foi cultivado de acordo com os princípios da agricultura biológica, respeitando o equilíbrio dos solos.

Por exemplo, na produção ecológica de gado bovino, os animais são alimentados com pastos naturais, não são engordados artificialmente, não vivem confinados nem são submetidos a uma exploração intensiva. Nestas condições, os animais sofrem menos doenças e, quando elas surgem, são tratados com medicinas alternativas: apenas se recorre aos medicamentos quando é estritamente necessário.

COMO PODEMOS TER A CERTEZA DE QUE O PRODUTO QUE ESTAMOS A COMPRAR É ECOLÓGICO?

As entidades reguladoras da agricultura ecológica controlam todo o processo de produção, desde as análises ao solo até ao próprio produto que vai ser comercializado como ecológico. Quando é aprovado, o produto recebe um selo ou aval de garantia, que deve aparecer na etiqueta. Entre as entidades internacionais mais respeitadas, contam-se a Demeter, a Ecocert ou a própria União Europeia.

“BIO” OU INTEGRAL SÃO SINÓNIMOS DE ECOLÓGICO?

Integral significa que não foi refinado. Os cereais integrais conservam o gérmen e parte da casca e, portanto, todos os nutrientes que se encontram em ambos. No entanto, na casca, ficam os restos dos pesticidas usados durante o seu cultivo, se este for convencional, ao contrário dos cereais refinados ou dos integrais de cultura ecológica.

O facto de um alimento ser designado por “bio” não significa que seja de proveniência ecológica. A norma europeia proíbe a utilização desse termo na etiqueta de produtos provenientes da agricultura biológica ou da produção de carne ecológica, para não confundir o consumidor. A única forma de não se enganar, ao tentar adquirir alimentos ecológicos, é verificar se têm o aval ou garantia de uma entidade idónea.

PORQUE SÃO TÃO CAROS?

O mercado ainda é pequeno, o que encarece a produção e, sobretudo, a distribuição: de facto os alimentos biológicos podem chegar a ser entre 20 e 50% mais caros do que os convencionais. O melhor preço consegue-se comprando directamente ao produtor.

OS ALIMENTOS BIOLÓGICOS TÊM SEMPRE PIOR ASPECTO?

Os produtos ecológicos, sobretudo as frutas, costumam apresentar um pior aspecto, quando comparados com os convencionais. No entanto, isto não sucede em todos os casos.

MAS O SEU SABOR É MELHOR...

Existe a ideia de que os produtos ecológicos têm melhor sabor, mas não existem estudos conclusivos que o demonstrem. Na apreciação do sabor, não obstante, entram em jogo outros factores, que não têm a ver com a forma como o alimento foi produzido: a variedade de hortaliça ou fruta, os sabores a que estamos habituados e os gostos individuais. Geralmente o sabor é mais intenso nos legumes e frutas.

OS PRODUTOS BIOLÓGICOS SÃO MAIS NUTRITIVOS?

Sabe-se que o uso de elevadas quantidades de fertilizantes químicos afecta a composição nutricional dos alimentos cultivados. Segundo diversos estudos, os alimentos convencionais apresentam níveis mais elevados de oxalatos – um anti-nutriente, que inibe a absorção dos minerais, como o cálcio – e níveis mais baixos de vitamina C, sobretudo. As diferenças são tanto mais notórias quanto mais pobre é o solo em que se cultiva.

Por outro lado, os fertilizantes químicos fazem com que as plantas tenham que absorver mais água, de modo que as vitaminas e os minerais ficam mais diluídos e as concentrações são menores. Por exemplo: são necessários cinco tomates convencionais, para atingir a quantidade de vitamina C que há num tomate ecológico.

E SÃO REALMENTE MAIS SAUDÁVEIS?

Os fertilizantes usados na agricultura convencional contaminam as águas e os solos, de forma que existe sempre o risco dos produtos ecológicos puderem, também, ser contaminados. De qualquer modo, o risco é muito menor. Alguns pesticidas penetram nos frutos após a sua aplicação, pelo que é inútil lavá-los, antes de os comer. Este inconveniente não existe, quando os produtos são de cultivo biológico. Por outro lado, a acumulação de nitratos, substâncias potencialmente tóxicas, sobretudo para as crianças, é menor nos legumes produzidos ecologicamente.

QUE OUTRAS VANTAGENS EXISTEM?

O consumidor que escolhe alimentos de cultivo biológico não costuma fazê-lo unicamente por razões de saúde. A preocupação pelo impacto que os métodos da agricultura convencional exercem sobre o meio ambiente é outro factor a considerar, o qual acaba convertendo-se num agente adicional de qualidade e um motivo mais que suficiente para optar pelos alimentos ecológicos.

In “Super Bebés, pp 68 a 72, Nov. 2001





✓ Caderno de campanha

ÁRVORES

Nome científico: *Pinus pinaster*

Nome comum: **Pinheiro bravo, Pinheiro marítimo.**

Folhas: As folhas são aciculares, persistentes, muito grandes entre 10 a 20 cm de comprimento, crescendo aos pares, muito espessas e rígidas, de cor verde-esbranquiçadas, não muito densas nos ramos.

Porte: Árvore de tamanho mediano, podendo atingir os 40 metros de altura, com ramos muito espaçados na parte superior. A sua copa é normalmente de forma piramidal nos exemplares mais novos, arredondando nos adultos. O fuste ou tronco é muito direito, podendo alcançar na idade adulta os 20 metros. A casca é espessa de cor castanha externamente e avermelhada interiormente é muito gretada e escamosa. A longevidade não vai além dos 150 a 200 anos.

Fruto: As pinhas são ovoide-cônica, curtamente pendunculada de cor castanho-vivo brilhante. Quando maduras atingem entre 8 e 22 cm de comprimento. Cada pinha apresenta 2 sementes sobre cada escama. As pinhas podem permanecer na árvore mesmo depois de as sementes terem caído.

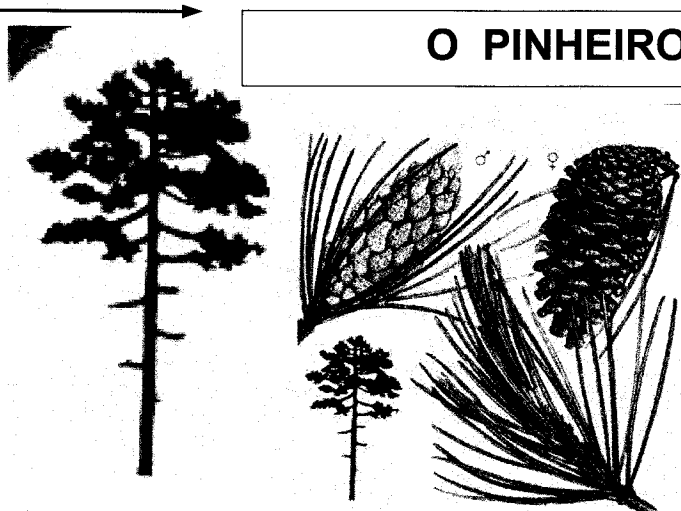
Semente: Denominada por penísco é grossa, oval-oblonga, de pequena dimensão com cerca de 7mm de comprimento, de cor cinzento-escuro, com asa alongada, fusca e persistente.

Raiz: Sistema radical apurado, com raiz mestra vertical, forte e profundante, na qual nascem outras raízes secundárias horizontais, onde têm origem também raízes verticais terciárias e assim sucessivamente.

Floração: Os cones aparecem em Maio-Junho.

Situação geográfica: Aparece em solos leves e dunas na região mediterrânica. Ocupa a maior área florestal de Portugal. Desde o Minho e Trás-os-Montes até à península de Setúbal. Surge também em Espanha, França, Itália expandindo-se até à Grécia e Argélia.

Susana Poças Falcão



O PINHEIRO

actividades

CERCA CONVENTUAL

ROTEIRO NATURAL PEDONAL

Já fizemos quatro descidas. Acreditem que o carvalhal da Penha, ou o que resta dele, ainda é mais bonito no Inverno. Não custa nada. 1º Domingo de cada mês, 10.30 h, junto ao teleférico, nas hortas. Subir não custa... e descer é um gozo. Apareçam!

A AVE ultima alguns pormenores para a publicação de um pequeno manual, com as espécies, características e sua localização...em breve daremos novidades.

Próximo Roteiro Natural: **Serra do Alvão**, em trilho em pleno Parque Natural. Segunda quinzena de Março (em data a definir). Aceitam-se inscrições (de borla), no nosso site www.ave.web.pt, ou nos telefones 919680281 (Alcino Casimiro) e 936410477 (Susana Falcão).



MAGUSTO

Uma manhã solarenga de domingo. Miúdos e gaúdos juntaram-se no parque da cidade, para uma sessão de educação ambiental – “Vem Conhecer o Outono no Parque”. Acabamos com a construção de um herbário e um repasto de castanhas assadas. Correu bem... a criançada gostou... mas esperamos que apareçam mais em actividades futuras.

Conferência “Áreas Protegidas sua gestão e valor patrimonial e cultural”

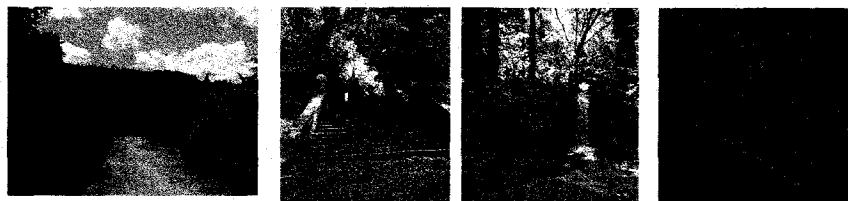
Por razões alheias à nossa vontade a citada conferência, prevista para Dezembro, foi adiada para Fevereiro.

Assim, dia 15/2/02, pelas 21.45h, no salão nobre do Convívio, Largo João Franco, Guimarães.

PENSE GLOBALMENTE, ACTUE LOCALMENTE.

ASSOCIE-SE

Edmund Burke



UM DOS ÚLTIMOS
BOSQUES DA PENHA
ESTÁ A CHEGAR AO FIM E
PEDE SOCORRO

A MORTE DO ÚLTIMO CARVALHAL DA PENHA?

Para chegarmos a este bosque escondido, é necessário transpor três lanços de escadas: um de entrada num antigo edifício monástico, um outro que dá para o jardim, e ainda um último lanço de velhas escadas musgosas, rodeadas de vegetação. Somos conduzidos a um pequeno tanque circular, onde, sob copados frondosos, se frui intensamente toda a frescura e tranquilidade deste espaço. No coração da cerca do antigo mosteiro de Santa Marinha — actual Pousada da Costa —, oculta-se este discreto milagre vegetal: um núcleo de carvalhos-alvarinhos evoca notavelmente o ambiente das florestas naturais que, ainda antes dos povos que construíram as citânias, revestiam grande parte do território. Nos nossos dias, estes carvalhais estão reduzidos a fragmentos dispersos na paisagem, alguns dos quais incluídos em áreas protegidas, como o Parque Nacional da Peneda-Gerês e a Área de Paisagem Protegida Regional de Como de Bico, em Paredes de Coura.

UM CARVALHO SECULAR

Tal como noutros mosteiros medievais da região, a cerca ou devesa do mosteiro da Costa, referida já num documento do século XII, consistia num amplo domínio murado, atravessado por linhas de água e abundante em árvores como carvalhos e castanheiros, fonte de lenha e de frutos; possuía certamente um horto para cultivo de verduras e de plantas medicinais, bem como zonas destinadas ao lazer dos monges. Ainda hoje podemos observar na cerca o resto do tronco derrubado de um imponente carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), cujo plantio é atribuído pela tradição a D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques. Não sendo provavelmente tão idosa como se pretende, esta árvore, testemunha silenciosa da conturbada história da comunidade monástica, atingiu contudo alguns séculos de idade. Encontrava-se ainda em pé, embora já decrépita, há cerca de duas décadas atrás.

Pertencem a esta espécie os carvalhos que formam um pequeno bosque na parte superior da cerca. Outrora bastante mais extenso, este bosque conserva ainda um notável conjunto de arbustos e de plantas herbáceas espontâneas, muitas delas características dos carvalhais da faixa atlântica do noroeste ibérico. Espécies como a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.), com as suas bagas vermelhas inseridas em pequenas "folhas" aguçadas; como o azevinho (*Ilex aquifolium* L.), espécie protegida e muito abundante na cerca; e como a urze-branca (*Erica arborea* L.), cujas flores têm o aroma do mel, todas encontram o seu habitat mais propício sob a cobertura dos carvalhos. No início da Primavera, um cortejo de pequenas flores silvestres desabrocha, despertas do seu sono geofítico, antes ainda que as folhas dos carvalhos ensombrem o sub-bosque: as anêmonas ou flores-do-vento (*Anemone trifolia* L.), os selos-de-salomão (*Polygonatum odoratum* L.), os jacintos-dos-campos (*Hyacinthoides hispanica*

L.) e as violetas (*Viola riviniana* Rchb.), entre muitas outras.

Sobre os carvalhos, aderente aos seus troncos e ramos retorcidos, um manto de líquenes, de musgos e de pequenos fetos alcandora-se. É aí que podemos encontrar uma das mais curiosas espécies da flora da cerca, o feto-dos-carvalhos [*Davallia canariensis* (L.) Sm.], que vegeta quase exclusivamente sobre estas árvores.

À riqueza florística da cerca acrescenta-se a sua riqueza de aves, que desafiam o observador mais atento: melros, carriças, toutinegras, piscos-de-peito-ruivo, chapins-azuis e chapins-reais, aves insectívoras sempre presentes. Com elas se cruzam verdilhões, cerzinhos e tentilhões, aves de preferência granívora, e gaio, petos-reais e trepadeiras-azuis, inseparáveis companheiros dos carvalhos. Com o seu canto, contrapõem à percepção visual da paisagem um colorido sonoro.

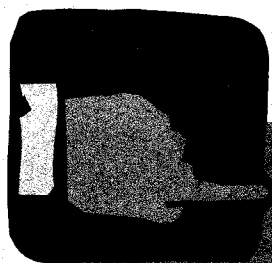
UM CARVALHAL VULNERÁVEL

Toda a cobertura vegetal da cerca tem estatuto legal de protecção, tendo sido classificada como parque de interesse público em 1940, quando era ainda propriedade da família Leite de Castro. Actualmente pertença do Estado, o funcionamento da Pousada poderia deixar supor um renovado cuidado na manutenção da cerca. Porém, este cuidado parece cingir-se ao jardim e às alamedas adjacentes, sofrendo o carvalho, ano após ano, o efeito de uma degradação contínua: os velhos carvalhos vão tombando, sem que existam zonas de regeneração; diversas espécies exóticas invasoras, como as acácias-austrálias, continuam a progredir; e as operações de "limpeza" do sub-bosque, necessárias para prevenir algum incêndio fortuito, são realizadas de forma indiscriminada, eliminando toda a vegetação em algumas zonas.

Um bosque como este representa um importante património biológico, que necessita de uma manutenção e de uma renovação adequadas. Temos de ter presente que não se trata de uma floresta extensa com capacidade de auto-regeneração, mas do fragmento vulnerável de um bosque natural, sujeito a implacáveis factores de degradação. Contudo, a riqueza biológica que nele existe merece atenção e empenho na sua salvaguarda.

Numa vertente do monte da Penha marcada por fortes desequilíbrios de ocupação humana, e pelos surtos desenfreados de construção recente, a cerca da Costa constitui uma ilha fresca e frondosa que é urgente fruir e valorizar. Talvez o primeiro passo a dar seja conhecê-la, mergulhando por momentos no seu ritmo vegetal. É este o apelo que aguarda resposta, para que no futuro este espaço não seja apenas uma memória.

■ Manuel Miranda Fernandes
Eng. Florestal

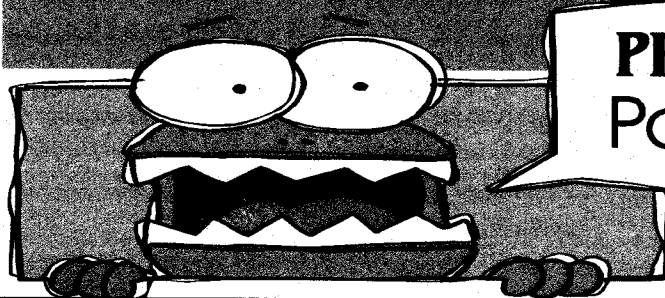


CONCURSO

És criativo? Costas da expressão plástica? És amigo do ambiente?
CRIA UM CARTAZ E GANHA PRÉMIOS

Ave júnior

DIA MUNDIAL da ÁRVORE



PROTEGE AS ÁRVORES
Participa, já!

AVE - ASSOCIAÇÃO VIMARANENSE PARA A ECOLOGIA

INFORMA-TE NA TUA ESCOLA OU NA INTERNET .. www.ave.web.pt